

História do cerco de Lisboa

MARIA LUIZA SCHER

Não, não se engane o leitor: o livro que está sendo apresentado não é uma obra de historiografia, apesar do título que pode até afastar o leitor de literatura e, quem sabe, atrair um historiador que porventura se interesse pelo assunto. O livro em questão é mesmo um romance, e dos bons.

Trata-se do quinto romance de José Saramago, o mais festejado escritor português da atualidade, pelo menos no Brasil e, talvez, mesmo em Portugal. Os anteriores são *Levantado do chão* (1980), *Memorial do convento* (1982), *O ano da morte de Ricardo Reis* (1984), e *A jangada de pedra* (1986). O Memorial... e A jangada... foram fenômenos de vendagem lá e aqui, permanecendo meses nas listas dos best-sellers em São Paulo e no Rio. Este quinto romance foi publicado ano passado pela Companhia das Letras em lançamento simultâneo com a edição portuguesa, o que dá a medida da segurança do autor e dos editores em relação ao público brasileiro.

A palavra mais importante do romance *História do cerco de Lisboa* é a palavra não. Explicando: o que aconteceria se um compêndio sério de história do Brasil trouxesse a afirmativa de que, por exemplo, Tiradentes foi condenado por D. Maria, a rainha louca de Portugal e, portanto, não morreu enforcado? No mínimo, as crianças deixariam de ouvir na escola coisas como "o protomártir da Inconfidência, e o dia da morte de Tancredo Neves perderia a importância da coincidência das datas. Além disso seria necessário então, que se escrevesse uma outra solução para o fato, reinventando a história. É sobre uma imprevisibilidade assim que se constrói o enredo da *História do cerco*... Neste romance o personagem principal é Raimundo Silva, um modesto revisor de uma grande editora de Lisboa, que corrige as provas finais de um livro de história que trata do cerco da cidade no século XII. Lisboa, que esteve sob o domínio mouro há séculos só pôde ser reconquistada então por D. Afonso Henriques, porque um exército de cruzados de várias partes da Europa estava de passagem por lá, com destino ao Norte da África e, posteriormente, à Terra Santa.

Nesta altura, Raimundo Silva, o revisor, que é uma pessoa metódica, absolutamente previsível, se modifica por um processo de insubordinação interna, até de inconformismo diante da imutável verdade do texto histórico. Observamos como o narrador conta:

Está como fascinado, lê, relê, torna a ler a mesma linha, esta que de cada vez redondamente afirma que os cruzados auxiliaram os portugueses a tomar Lisboa. (...) estas unívocas palavras (...) são uma inapelável sentença, mas são também uma provocação como se estivessem a dizer ironicamente: Faz de mim outra coisa, se és capaz. (Saramago, 1989:48)

Assim desafiado pela definitiva clareza do texto, Raimundo Silva, de súbito, acrescenta nas provas últimas e definitivas do compêndio, a palavra Não. Continua o narrador.

Agora o que o livro passou a dizer é que os cruzados Não auxiliaram os portugueses a conquistar Lisboa, assim está escrito e portanto passou a ser verdade, ainda que diferente...

(id. ib: 50)

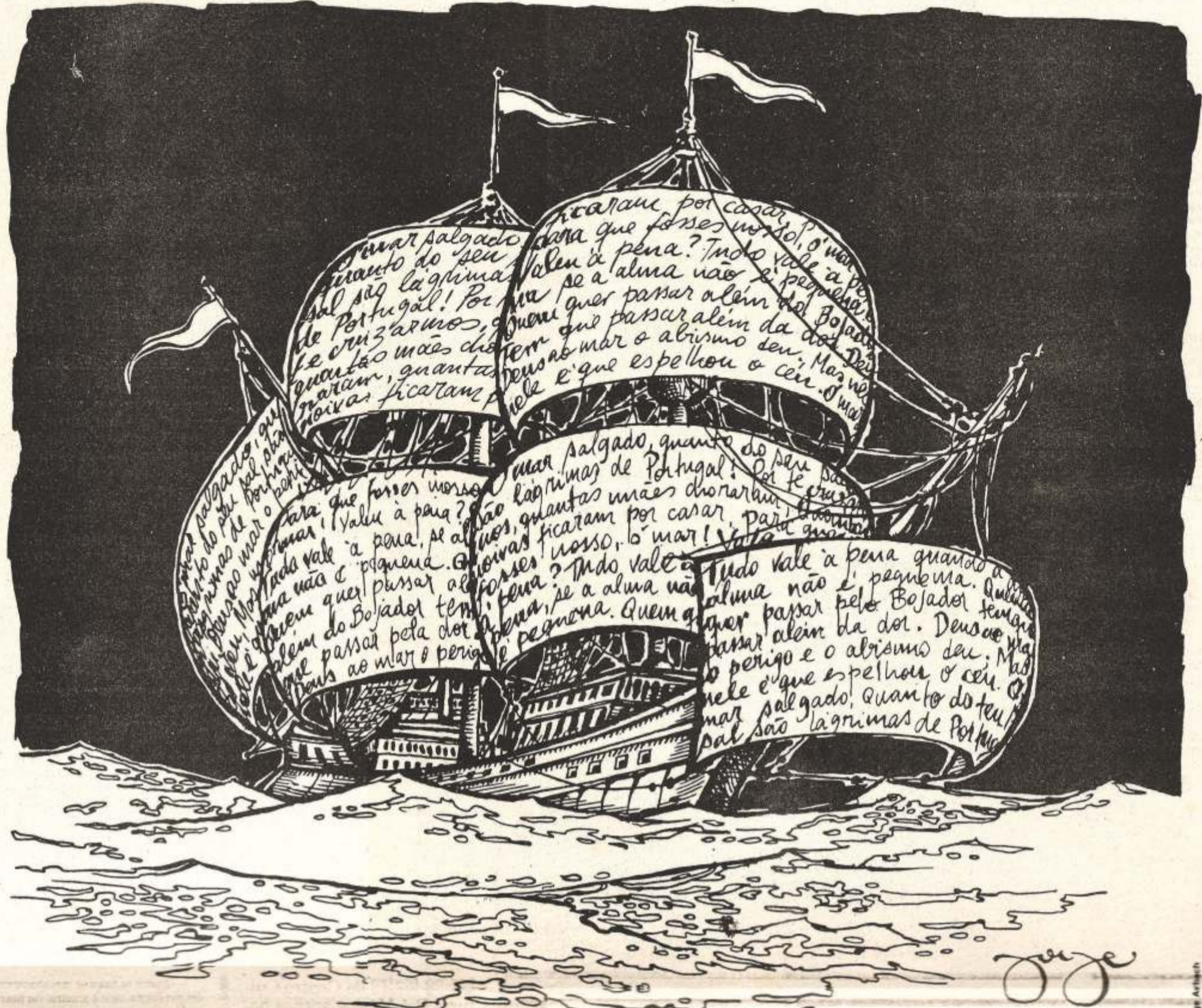
Após dias de ansiedade, o caso vem a público, comprometendo toda a edição do compêndio que necessitou de errata, a que valeu ao editor uma séria reprimenda. É nesta reunião de diretoria que ele conhece a Dr. Maria Sara, uma nova chefe de revisão que, com argúcia percebe o que há de importante sob o ato de insubordinação de Raimundo. É ela quem, mais tarde, o desafia a escrever uma nova versão da vitória dos portugueses sobre os mouros no episódio do cerco. O revisor, seduzido pela idéia e, principalmente, pela autora da idéia, entrega-se à tarefa e é então que a narrativa se bifurca, alternando capítulos sobre a história antiga e sobre a vida contemporânea dos personagens envolvidos num inesperado romance.

Já que a nova versão da história tem base na imaginação, o que Raimundo Silva termina por apresentar ao leitor é a narrativa das paixões, das aventuras e dos amores de sitiados e sitiadores na cidadela medieval. Sua história volta-se para esses desvãos da vida humana que a história convencional omite, porque a ela importam os fatos e não as pessoas (todas) que os realizam.

A questão que este romance de Saramago trabalha é fundamental para a compreensão da literatura e tem sido muito discutida pela crítica contemporânea: a moderna noção da relatividade das coisas trouxe um novo modo de ver a literatura, e trouxe a ela própria um novo modo de ver e de se ver.

Ao tematizar o discurso histórico e apontar sua vulnerabilidade, o romance está tematizando também a sua própria natureza enquanto discurso. Sabe-se que todo discurso é uma construção, tem sua própria existência e sua verdade é esta: a de não garantir qualquer verdade fora de si.

SARAMAGO, José. *História do cerco de Lisboa*. Edição simultânea Brasil/Portugal. Companhia das Letras. 348p.



Poesia à vista

GILVAN P. RIBEIRO

Durante longo, muito tempo, havia em mim uma sensação difusa de que a poesia se transformara em algo sem sentido, mero jogo gráfico ou sonoro, rapidamente descartável, como qualquer outro objeto - gadget - dos muitos de nossa sociedade "industrial". Produto em parte da ditadura militar e da ignorância massiva que difundia, impedindo a continuidade de linhas de tradição, impedindo que a renovação se desse pela superação do que se supusesse esgotado, uma geração de poetas parecia morrer de inanição ou de indigestão, quando o acesso à comida era permitido. Há muitas e muitas exceções, mas o conjunto é, certamente, de uma indigência a toda prova.

Recentemente, de fins de setenta para cá, há uma tendência, que me parece generalizada, de recuperar uma dicção poética, eu diria, clássica, centrada no valor significativo da palavra, capaz de evocar ou criar mundos. Em muitos poetas parece voltar o ardor verbal e mítico/místico de um poeta - prematuramente falecido, em 1961 - como Mário Faustino ou, até, se dar o reencontro com uma tradição mais específica - e profundamente ocidental - da poesia grega contemporânea como a que trabalha Constantino Cavafy.

O intróito se justifica para dar ao leitor a significação mais próxima da exatidão de um livro como *Ossário do mito*, de Fernando Fábio Fiorese Furtado, a ser lançado brevemente em Juiz de Fora.

Fernando Fábio articula, em três planos justapostos e interpenetrantes, uma viagem poética que, indo do pessoal ao mítico, retorna para re-iluminar as verdadeiras trilhas. As três partes do livro, "Ossário pessoal", "Ossário geral" e "Ossário do mito", se entrecruzam, ramos de um mesmo e vigoroso tronco. Os títulos giram em torno de um eixo único:

ossário, ossos coletados e guardados, sacrário de ossos. E de fantasmas.

Os fantasmas vivos repon-tam em todo o livro, ora fantasmas domésticos, ora fantasmas poéticos, ora fantasmas míticos. E, com frequência, se mesclam, numa mistura em que é difícil determinar que forças predominam. As histórias de escrituras diversas são re-escritas, re-pensadas, re-sentidas. O verbo poético untuosamente construído de trevas e desvãos, luzes e pontas, é uma ponte com a dicção ibero-maneirista de um Gôngora, filtrada pelo vitral da mineiridade. Os grandes mitos de nossa classicidade ancestral são retomados, fecundados, vivificados, fundando uma cosmogonia moderna, desesperadamente moderna ou absurdamente moderna, como quer o prefaciador. Parece-me, ainda, digno de menção, neste comentário à primeira vista, o fato de Fernando Fábio retomar a grande lição - ela também moderna ao extremo -, formulada por Pound do "make it new", ou seja, retomar as formulações e as formas de antigos e fazê-las novas, torná-las novamente significativas. Em vários momentos, os poemas de *Ossário do mito* chegam a lembrar a obra poética mais ambiciosa de Pound, os *Cantos*. Veja-se, por exemplo, "Furnas de Babel", "Algumas imagens para o álbum da noiva".

O paciente trabalho com a palavra que Fernando Fábio vem realizando, numa luta palmo-a-palmo, encontra, neste livro, uma realização segura e, certamente, instauradora de novos caminhos que, esperamos desde já, venham rápido à avidez de nossos olhos.

O lançamento do livro será no próximo dia 25 de abril, quarta-feira, a partir das 19 horas, no Colégio Magister, dentro do Projeto Literatura Viva.

FURTADO, Fernando Fábio Fiorese. *Ossário do mito*. Juiz de Fora, Edições d'Lira, 1990, 58 p.

